

ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL AFORA

Fabrício Alarcão Veiga Benini

Instituto Federal de São Paulo, Câmpus São Carlos
benini@ifsp.edu.br

Eixo temático: Formação de Professores

Resumo: *A que ponto as experiências vivenciadas na infância e adolescência podem influenciar parte de uma trajetória acadêmica? É a pergunta que esse texto tenta responder, na forma de narrativa. Busca-se associar a oportunidade de estudar nas mais diversas escolas públicas espalhadas pelo Brasil à linha de pesquisa no campo da educação exercida por este autor.*

Palavras-chave: *História de vida. Narrativa. Formação.*

1. Prólogo

Os mecanismos por trás do aprendizado são múltiplos e levam em consideração peculiaridades pessoais, de cada indivíduo, dentro de contextos socioeconômicos (MALIK, 2018). Compreender e estudar esses mecanismos envolve um conjunto de conhecimentos que precisam estar em concordância com as percepções, afinidades e compreensão do pesquisador. Ao mesmo tempo, o distanciamento necessário para analisar o aprendizado precisa ser mantido para evitar vieses e tendências nas conclusões sobre os resultados obtidos (EITAN *et al.*, 2018). O histórico de vida do cientista, as experiências vivenciadas, o ambiente social frequentado e até a diversidade que foi exposto ao longo de sua vida, podem contribuir para a formação de seu perfil, levando-o a despender atenção para aspectos que o impactou e que talvez fossem importantes para o caminho trilhado. Com base nessas observações busca-se relacionar uma trajetória de vida, desde a infância, à trajetória de pesquisador principalmente nas temáticas relacionadas à educação, porém inevitavelmente outras áreas temáticas precisarão ser mencionadas para uma formação mais completa do panorama profissional voltado à educação do narrador da história.

2. Infância

Minhas memórias remontam aos anos de 1978 em que éramos os pioneiros no hoje bairro tradicional e um tanto pomposo de Avaré/SP, o Jardim Europa. Meus pais foram os primeiros a começarem uma construção ali, logo a vizinhança se adensava e as típicas brincadeiras de rua se tornaram rotineiras, desde os 4 anos de idade tenho o privilégio de recordar das amizades feitas, suas casas e formas de se relacionarem.

Pela função de bancário que meu pai exercia, não durou 2 anos e já estávamos mudando de estado, em 1980, para a incipiente e promissora fronteira agrícola em Barra do Garças/MT. A época de nossa mudança coincidiu com as chuvas e me recordo dos seguidos atoleiros enfrentados até chegar na cidade, tínhamos que viajar em comboio e uns ajudavam os outros. A viagem que hoje poderia ser feita em um dia de carro, naqueles tempos levava vários. Foi lá que iniciei meus estudos, a pré-escola, em uma entidade católica e depois, no 1º ano, me mudei para uma escola municipal. A cidade dominada por gaúchos contrastava com os povos indígenas comuns à cidade, revelando para uma criança traços étnicos, raciais e culturais bem nítidos.

Em 1982, uma nova mudança de estado, dessa vez fomos para Pindobaçu/BA, onde já me encontrava no 2º ano do Ensino Fundamental. Região árida, mais uma vez, um povo de costumes totalmente diferentes contrastava com os da cidade anterior no Mato Grosso, as casas muitas vezes de barro cobertas com palha, o sotaque, as comidas típicas, os costumes de relacionamento. Mesmo para uma criança que se adapta facilmente a novas circunstâncias, ficaram bem nítidas as diferenças. As escolas públicas que frequentei, foram duas, apresentavam uma infraestrutura básica, no limite do essencial para o seu funcionamento e as técnicas de ensino estavam dentro do contexto de opressão (FREIRE, 2021) exercida sobre os educandos na forma da palmatória, em que este autor aprendeu a tabuada sob rígidos castigos através deste objeto repugnante.

Quando meus pais acreditavam que haviam atingido o fundo do poço na educação de seus filhos, em 1985, mudamos para o “fim do mundo”, uma pequena cidade fincada no meio do Maranhão conhecida por Governador Eugênio Barros (GEB). Basicamente 90% das casas ali eram de barro cobertas com palha, não existia calçamento e a pobreza era visível em todos os lugares. A escola? Bem, eu terminei a 4ª série, no período vespertino. Da 5ª série até a 7ª série eu cursei à noite, quando tinha energia elétrica e quando a escola não estava fechada por algum motivo obscuro. Não existia carteira suficiente para todo mundo, 40% tinha que estudar no chão. Na época eu não tinha consciência dessas questões, mas como um típico representante da elite branca da cidade, se me sentei no chão para estudar uma única vez foi por mera curiosidade, não por necessidade. Os professores não possuíam preparo, a maioria se limitava a reproduzir textos encontrados nos livros, discussões e reflexões inexistentes, o vandalismo era a regra. É claro que para uma criança nada disso era dramático, vivia-se livre, com o dia inteiro para explorar tudo quanto era lugar, sem preocupações e basicamente eu me relacionava bem com todo mundo da cidade sem saber a respeito do peso de ser o filho do gerente do banco desempenhava sobre esses relacionamentos. Porém, viver ao lado da pobreza e da ignorância foi uma experiência marcante, mesmo para uma criança alienada das questões sociais e dramáticas que berravam em todos os cantos, sempre testemunhando as inquietações dos meus pais sobre a educação que seus filhos estavam recebendo. Muitas vezes cogitaram em nos enviar para centros mais desenvolvidos para estudar, porém nunca foi concretizado.

Definitivamente viver em um lugar único como GEB marcou toda minha vida e talvez tenha sido o ponto crucial na definição de meu perfil político. Foi lá também que decidi ser engenheiro eletricista, ainda criança. Ainda por cima, lá surgiram os primeiros traços da adolescência, com experiências afetivas marcantes.

3. Adolescência

A 8ª série inteira foi concluída em Papanduva/SC, em 1988, mais um contraste sócio cultural inequívoco para o início de uma adolescência conturbada. A escola parecia a concretização de algo idealizado por toda uma vida, infraestrutura que saltava aos olhos e reuniões regulares organizadas pela direção da escola refletiam uma preocupação totalmente ausente nas escolas anteriores. O peso de ser o filho do gerente já era mínimo, pois havia ali uma sociedade mais complexa e diversificada na qual ficava difícil enxergar a pobreza. Para aquele adolescente parecia que não existia

mais, parecia que todo mundo pertencia à classe média, sob a ótica de uma criança alienada.

Em casa, a 8ª série suscitava discussões com meus pais a respeito de se preparar para o vestibular e minha saída de casa parecia iminente, porém ainda consegui fazer o primeiro ano do ensino médio em Papanduva. Vale ressaltar ainda que em Papanduva foi um período que desenvolvi aptidão autodidata, aprendendo a programar em Basic e Assembly em meu computador pessoal, um MSX, pois lá havia colegas com mesma afinidade que proporcionaram discussões sobre o assunto.

A inevitável saída ocorreu em 1990, quando deixei a casa de meus pais para estudar fora, em Botucatu/SP, para fazer o curso técnico de eletrônica no Industrial, em plena adolescência, a 500 km de casa. Me encontrei viajando 160 km, ida e volta todos os dias, entre Botucatu e Avaré para realizar um sonho idealizado no Maranhão, de estudar eletrônica. Fiquei um ano distante dos meus pais, pois em 1991 eles acabaram retornando para Avaré.

Em 1992 interrompi meus estudos de 4 anos do ensino médio, pois era requisito para obter o diploma de técnico em eletrônica, para fazer um intercâmbio cultural de 1 ano no México, onde acabei frequentando um semestre no ensino médio, mesmo tendo concluído o 3º ano e depois consegui passar no processo seletivo para Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Universidad Autónoma de Baja California (UABC), mas fiz um semestre apenas, pois tinha que retornar para o Brasil. Foi no México que completei meus 18 anos, no final do intercâmbio.

4. Resumindo

As consequências de estudar em escolas públicas tão díspares se refletiram na dificuldade em passar no vestibular. Quando realizei, já casado e com um filho, concluí o sonho de me tornar engenheiro eletricista, porém as questões ligadas à educação sempre me deixaram inquietos e parte dessa inquietação derivou das experiências vivenciadas em diferentes níveis de qualidade do ensino público pelo Brasil. Conhecer pessoas desde criança e depois vê-las prosperando mesmo em condições tão adversas sempre me levaram a questionar, “e se fosse uma educação de qualidade? Como esses meus amigos estariam agora?”, por isso acredito que a trajetória que tomei voltada a pesquisas relacionadas à educação, mesmo possuindo formação na área de exatas, teve como ponto decisivo os lugares em que vivi.

Referências

EITAN, O. *et al.* Is research in social psychology politically biased? Systematic empirical tests and a forecasting survey to address the controversy. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 79, p. 188-199, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. (edição comemorativa do centenário de nascimento).

MALIK, R. S. Educational challenges in 21st century and sustainable development. **Journal of Sustainable Development Education and Research**, v. 2, n. 1, p. 9-20, 2018.